
O Informante: a verdade por trás da fumaça do cigarro¹

Julia GUELLI²

Sofia PERES³

Rafael SIMÕES⁴

Universidade Vila Velha, Espírito Santo, ES

Resumo

O presente artigo tem como principal objetivo analisar o conteúdo do filme “O Informante” (1999), destacando os conflitos da apuração e produção jornalística do fato abordado no enredo. Fazendo um paralelo com o uso da ética na imprensa e na vida pessoal, o filme aborda um caso envolvendo as indústrias do tabaco em 1995. Dividido em sete partes, o artigo busca discutir, principalmente, a ética na imprensa e como é abordada no filme, os chamados “*newspapers movies*”, o interesse público destacado no caso, a relação entre jornalista e fonte e o caso real que inspirou a criação da trama.

Palavras-chave

Ética; Tabaco; Jornalismo; Cinema; O Informante

Introdução

O presente artigo pretende realizar uma análise do filme “O Informante” (1999) – “The Insider”, no título original – escrito por Eric Roth e Michael Mann e dirigido por Michael Mann, focando na abordagem utilizada para debater os conflitos éticos apresentados ao longo da trama e a ética na imprensa. Durante o filme os personagens de Al Pacino, Lowell Bergman, produtor de notícias do canal de televisão norte-americano CBS, e de Russell Crowe, Jeffrey Wigand, cientista e vice-diretor da empresa de tabaco Brown & Williamson, ganham destaque para a construção do cenário crítico do filme.

A trama, baseada em uma história verídica, aborda o caso dos sete anões do

¹ Trabalho apresentado na IJ07 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XXIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de junho de 2019.

² Estudante de Graduação, 5º período do curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo, email: juliafguelli@gmail.com

³ Estudante de Graduação, 5º período do curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo, email: sofiaperes8@hotmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Professor do curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo, email: rafaelclaudio@gmail.com

tabaco, referência feita no filme aos sete presidentes das grandes indústrias tabagistas, que concordaram em não falar sobre os malefícios do cigarro e, ainda, acrescentavam aditivos químicos à nicotina, aumentando a sua capacidade viciante, e, portanto, as vendas. Neste cenário, somos apresentados ao programa "60 minutos", do canal CBS, e ao produtor Lowell Bergman, que ao longo do filme mostra os processos da apuração jornalística do caso e a sua relação com a sua principal fonte, o ex-vice-presidente de uma das maiores empresas de tabaco, Jeffrey Wigand. Coagido, pelo personagem de Al Pacino, Wigand, concorda em ir a público falar a verdade sobre a produção do cigarro, porém enfrenta desafios pessoais e judiciais. Ainda, ambos devem lidar com a decisão da CBS de não exibir a entrevista completa.

O jornalista, desde o início do século passado, frequenta as telas de cinema. É através dos “*newspapers movies*” que o cinema revela o cotidiano do jornalismo, como a apuração das notícias e contato com as fontes, e aborda discussões sobre as teorias da comunicação e, principalmente, a relação entre imprensa e ética (SENRA, 1997). Entre os filmes desse gênero que marcaram a história do cinema e do jornalismo, além de “O Informante” (1999), estão: “Todos os Homens do Presidente” (1976), dirigido pelo norte-americano Alan J. Pakula, “Spotlight: Segredos Revelados” (2016), dirigido pelo estadunidense Tom McCarthy, e “The Post: a Guerra Secreta” (2018), dirigido pelo norte-americano Steven Spielberg,

Ética, do grego *ethos*, é um ramo da filosofia que se dedica aos assuntos morais, abrangendo diversos campos. Segundo o jornalista, escritor, professor e doutor em Ciências da Comunicação Clóvis de Barros Filho (2016) o senso comum entende a ética como uma tabela com todas as condutas humanas separadas em duas colunas, pode e não pode fazer. No entanto, questionando os princípios utilizados para a classificação das condutas e levando em conta a flexibilidade das situações de vida, a tabela estaria “caduca”. Assim, a ética vai além de uma tabela, ela discute o que queremos e o que não queremos respeitar, uma abertura para o dever e para a convivência futura. Por isso, a ética e as ações dela decorrentes são sempre motivo de debate público e acadêmico nas sociedades.

Um dos ramos em que o debate ético mais sobressai é o jornalismo. Os profissionais deste meio se encontram à mercê do veículo em que trabalham, ora falando positivamente e ora negativamente de um fato, levando em conta sua posição

editorial e seus vínculos financeiros. No entanto, o jornalista deverá sempre priorizar a verdade, a real matéria-prima do ofício (REBOUÇAS, 2011).

É por meio da ética, portanto, que o jornalismo conquista sua credibilidade e a confiança do público, garantindo-o um conteúdo que preze pela responsabilidade social e o interesse público (HARDING, 2013).

Desta forma, para alcançar os objetivos determinados, o artigo utiliza como metodologia a Análise de Conteúdo, conceituada por Laurence Bardin (2008). Assim, visando às bases apresentadas pela autora, esta pesquisa apresentará uma análise sobre o enredo do filme, relacionando-o aos estudos da ética e seus impactos no cenário jornalístico.

“O Informante”⁵

Lançado em 1999, "O Informante" - "The Insider", em seu título original -, é um longa-metragem norte-americano, roteirizado e dirigido por Michael Mann. A trama é contada a partir de dois personagens principais, e minuciosamente construídos, o produtor do programa "60 minutos", da rede de televisão CBS, Lowell Bergman, interpretado por Al Pacino, e o ex-cientista e pesquisador da empresa de tabaco Brown & Williamson, Jeffrey Wigand, interpretado por Russell Crowe. Com tom documental, o filme começa com Bergman tentando conseguir o depoimento de um líder extremista, no Oriente Médio. À primeira vista, esta cena, para aqueles que já conhecem a história por trás do longa, pode parecer desnecessária e confusa, porém ela é importante para a construção do personagem de Al Pacino, revelando a perseverança jornalística, a preocupação com a sua fonte e a problemática que a cerca, aspectos centrais para um fazer jornalístico sustentado pela ética.

Após regressar à Nova Iorque, onde a sede da CBS está localizada, inicia-se a premissa central do filme. Ao receber em sua porta, uma caixa, de remetente anônimo, recheada de documentos e relatórios de pesquisas, comprovando a manipulação de componentes que aumentam o grau de dependência do cigarro, Bergman busca alguma fonte, com o objetivo de ajudá-lo a entender o conteúdo dos arquivos.

⁵Informações retiradas do site IMDB (imdb.com/title/tt0140352/).

É neste momento que os personagens de Crowe e Al Pacino se cruzam. A fonte escolhida pelo produtor é Wigand, ex-cientista da renomada empresa de tabaco Brown & Williamson, que a princípio nega dar qualquer auxílio. Porém, Bergman, seguindo seu faro jornalístico, percebe que há algo que não está sendo revelado. Desta forma, marca um encontro com o cientista em um hotel, onde poderiam conversar com segurança e privacidade, na esperança de tentar descobrir o que estava sendo escondido.

Sendo convencido aos poucos pelo jornalista, que assume um papel de incentivador, Wigand revela sua história, que passaria a ser um dos maiores escândalos envolvendo as empresas norte-americanas de tabaco.

Tendo sido demitido há pouco tempo de seu cargo como chefe da área de pesquisa e desenvolvimento e vice-presidente corporativo, Jeffrey conta à Bergman o "por trás" da produção da B&W. Estava sendo produzido e vendido cigarros que possuíam componentes químicos que aumentam a dependência de seus consumidores no tabaco. E, conseqüentemente, ampliava a venda dos cigarros e os lucros da empresa. Para garantir o funcionamento do esquema, Wigand ao deixar B&W teve que assinar um termo de confidencialidade, sendo proibido de revelar qualquer detalhe do que ocorria nos processos de produção do cigarro. Em um primeiro momento, o personagem hesita ao assinar o documento, porém visando garantir os benefícios recebidos por sua família, uma característica marcante da formação psicológica de Wigand, aceita ficar em silêncio.

Após revelar o que acontecia "por debaixo dos panos" da fabricação de cigarro, Bergman pediu ao químico para ir a público, em seu programa, revelar o esquema. Entre seus argumentos para convencê-lo, está o dilema do interesse público, uma vez que, as informações que possuía tinham grande impacto para os cidadãos norte-americanos. Inicialmente, Wigand concorda expor a história em uma entrevista.

Porém, após ser confrontado e indiretamente ameaçado pela empresa tabagista, volta atrás em sua decisão. Um dos motivos principais era o medo das conseqüências que seu depoimento poderia causar em sua família. Ao comunicar com Bergman a sua decisão final, de não ir a público, o jornalista não perde tempo e vai a sua casa, em Louisville, Kentucky, com o objetivo de fazê-lo repensar sua escolha.

O produtor, com sucesso, consegue realizar a entrevista com Wigand, que revela todos os segredos da Brown & Williamson. Logo após tomar conhecimento da revelação, a empresa ameaça a CBS com um possível processo. Na época, a emissora

enfrentava dificuldades financeiras, estando prestes a ser vendida. A partir deste contexto, enfrentar um processo contra uma das maiores empresas tabagistas, seria a sua sentença de morte. Assim, a rede televisiva faz um acordo com a B&W, assumindo o compromisso de editar a entrevista. Desta forma, o objetivo inicial da tabacaria foi alcançado, manipular o programa e evitar um escândalo que prejudicaria seus negócios.

O acordo entre a emissora e a empresa ocorreu sem o consentimento de Bergman, tendo descoberto a modificação apenas quando o programa foi ao ar. Enfurecido, o produtor procura a direção do jornal exigindo uma explicação para a falta de comprometimento com os valores jornalísticos e a negligenciarão a principal função de um jornalista, ser o guardião da verdade. Apesar de seus esforços, entre eles o discurso que exemplifica a ideal prática do jornalismo, não obtém sucesso. Assim, muda de papel, se tornando um informante, lutando para colocar a matéria original no ar. Com esta decisão, chegou a denunciar publicamente o acordo de silêncio entre a CBS e a Brown & Williamson, pedindo demissão logo em seguida.

Por fim, o segredo foi revelado na íntegra no programa "60 minutos". Wigand virou professor de química em uma escola de sua cidade, chegando a ser nomeado professor do ano. Bergman se tornou correspondente e produtor da série documental "Frontline" da emissora PBS. A empresa de tabaco Brown & Williamson foi penalizada com uma multa bilionária.

Trazendo para o debate tanto os dilemas jornalísticos, como os problemas jurídicos; a ligação entre jornalista e fonte; a ética profissional e pessoal; a liberdade de imprensa; o compromisso com a verdade; os valores jornalísticos e o controle midiático devido a concentração de poder e riqueza, quanto os pessoais, vivos por Wigand, que coloca em risco sua própria segurança e a de sua família, sua vida profissional e estabilidade emocional em prol da verdade.

O filme foi baseado na reportagem escrita pela jornalista investigativa Marie Brenner, "O homem que sabia demais" – "*The man who knew too much*", no título original – publicado na revista Vanity Fair, que relata os bastidores da denúncia sobre a manipulação química dos cigarros, ocorrida em 1996 nos Estados Unidos.

Metodologia

A Análise de Conteúdo é um método das ciências humanas e sociais voltada para a investigação de fenômenos simbólicos utilizando diversas técnicas de pesquisa. Além de ser recorrida por diferentes campos de estudo, é comum o intercâmbio de áreas de conhecimento em uma mesma análise, como, por exemplo, a união da semiótica com o audiovisual. (JUNIOR, 2006) E, será a metodologia utilizada por este artigo.

Segundo Bardin (2008) a Análise de Conteúdo é considerada uma operação lógica, sendo ela destinada a extrair conhecimentos sobre os aspectos implícitos da mensagem analisada. É uma técnica que tem por base o uso da inferência, ou seja, deduzir algo a partir da interpretação de outras informações. Ainda, é considerada uma metodologia híbrida, oscilando entre valorizar o aspecto quantitativo e o qualitativo. (JUNIOR, 2006)

A segunda (qualitativa) corresponde a um procedimento mais intuitivo, mas também mais maleável e mais adaptável, a índices não previstos, ou à evolução das hipóteses. Esse tipo de análise, deve ser então utilizado nas fases de lançamento das hipóteses, já que permite sugerir possíveis relações entre o índice da mensagem e uma ou várias variáveis do locutor (ou da situação de comunicação). (BARDIN, 2008, p. 115)

Possuindo raízes do pensamento positivista de Augusto Comte, a Análise de Conteúdo teve seus primeiros trabalhos realizados no século XIX, abordando temas focados principalmente na área da comunicação, como o florescimento do jornalismo sensacionalista nos Estados Unidos. Mas, foi apenas no século XX que esta metodologia passou a ser utilizada regularmente e por outras áreas. Seu uso nas pesquisas de comunicação se tornou tão importante e necessária que a formação que este campo de conhecimento não pode ser compreendido sem fazer menção a Análise de Conteúdo. (JUNIOR, 2006).

Newspapers Movies

Considerado a "sétima arte", o cinema é capaz de mesclar a realidade com a ficção, sendo um dos resultados desta união os *newspapers movies*, obras cinematográficas que abordam o jornalismo e seus profissionais nas grandes telas. (AMBRÓSIO; GAVIRATI; SIQUEIRA, 2014)

Essas narrativas revelam o cotidiano dos jornalistas; a apuração das notícias; o contato com as fontes; a rotina de trabalho dentro das redações; os conflitos ocorridos

na empresa jornalística e, principalmente, a relação do profissional com a ética. (BERGER, 2002) Em uma das cenas do filme “O Informante” vemos um pouco dessa rotina da prática jornalística.

Quando Bergman está na ilha de edição da CBS escolhendo os VTs da entrevista de Wigand, é possível notar a dinâmica da produção de uma redação. Operadores trabalhando, jornalistas acompanhando a finalização de suas matérias e o editor-chefe supervisionando a todos. Para Rosa (2006) o cinema chegou a assumir a função de vigia da mídia ao retratar sua rotina e problemáticas.

É a partir da exibição da rotina de repórteres e profissionais da redação de um veículo de comunicação que o cinema passa a reproduzir estereótipos, fixando no imaginário social uma imagem da profissão. Segundo Oliveira; Nogueira e Reis (2010), essa representação se constrói e se reconstrói com as mudanças da história e dos meios de comunicação, oscilando entre o papel do herói, aquele que segue os valores da profissão e luta pelos seus ideais, e do vilão, o profissional que não possui princípios éticos e sempre busca a fama e o dinheiro, ao jornalista.

Ética no Jornalismo

A ética, uma palavra que vem do grego e estuda o *ethos*, algo característico dos costumes, das práticas e atitudes humana, seja ela moral, pessoal ou profissional, é uma conduta que deve estar presente em todos os momentos de nossa vida, e no jornalismo não é diferente. Além dos valores éticos universais, a profissão possui o Código de Ética, que descreve detalhadamente os ideais de como esse valor social deve ser introduzido no dia a dia de um jornalista.

O acesso à informação, além de ser de interesse público, é um direito do cidadão. O papel do jornalista é verificar que nenhum veículo está criando nenhum empecilho quanto a esse interesse, uma vez que, a divulgação da informação precisa e correta é dever dos meios de comunicação, devendo ser cumprida independentemente da linha política de seus proprietários e/ou diretores ou da natureza econômica de suas empresas (Código de Ética da FENAJ, 2007). Com a correria do dia a dia, problemas como a velocidade com que a informação deve ser atualizada, a briga acirrada por furos e notícias exclusivas ou até mesmo a guerra pela audiência, fazem com que muitos veículos deixem de se importar prioritariamente com a transparência, a eficiência e a

verdade, e acabem deixando muitas vezes a ética ser mascarada por uma linha editorial escolhida.

A ética é uma problemática indispensável em debates protagonizados pelos meios de comunicação, se tornando cada vez mais necessária. A sede do jornalismo atual por ascensão comercial faz com que a quantidade se torne mais desejada do que a qualidade, destacando, assim, a irresponsabilidade profissional dos jornalistas, para com a sociedade. A verdade fica em segundo plano e o público, que passa a ser chamado de “consumidor”, deixa de questionar, confrontar e movimentar suas ideias, fazendo com que o debate público seja cada vez mais incomum.

A divergência entre seguir a ética de sua emissora ou de seu público interfere recorrentemente no dia a dia de jornalistas ao redor do mundo. Segundo Bolão (2007), Rubim (2001), Lima (2006), conforme citado por Rodrigues (2012, p. 1) “no Brasil, os conglomerados midiáticos pertencem em sua maioria a políticos e/ou seus familiares”. O molde jornalístico no país é definido por eles, sendo evidente uma linha editorial tendenciosa e que pode afetar os conceitos básicos de objetividade e ética dentro da seleção de informações.

Liberdade de Imprensa

Muitos, ainda, ao escutarem as expressões "liberdade de expressão" e "liberdade de imprensa" acreditam que se referem ao mesmo conceito. No entanto, não é verdade. Ambas andam lado a lado no campo da comunicação, mas se referem a áreas diferentes. A liberdade de expressão refere-se à liberdade individual e ao direito fundamental de expressar e manifestar pensamentos, ideias, opiniões e juízos de valor. Sócrates pode ser utilizado como exemplo. Ao ser condenado judicialmente pelos seus patrícios à morte, por ter questionamentos e críticas que provocavam um debate que não era bem visto pela sociedade grega, teve seu direito de liberdade de expressão não respeitado. (STONE, 2005) Já a liberdade de imprensa refere-se à liberdade da sociedade e/ou empresas midiáticas de difundirem conteúdos que trazem, ao seu critério, informações jornalísticas. Ela possibilita, em um espaço sem censura ou medo, um ambiente aberto ao diálogo de diversas ideologias e pensamentos, podendo ser manifestadas e contrapostas. (LIMA, 2009; ROSPA, 2011).

Desta forma, a liberdade de imprensa se torna um instrumento eficaz para assegurar o Estado democrático. Tendo como os jornalistas a função de atuarem como "cães de guarda", reportando os abusos das autoridades públicas, e privadas, e garantindo ao indivíduo o acesso à cidadania. No filme "O informante" (1999), vemos o produtor de notícias Bergman exercendo a liberdade de imprensa, unida ao interesse público, ao tentar colocar ao ar a entrevista que comprovava a manipulação dos cigarros da Brown & Williamson. Em diversos momentos da história, como durante os regimes ditatoriais, onde as comunicações passam a serem vigiadas e censuradas, é comprovado à importância deste direito e seu impacto social. (ROSPA, 2011) O filósofo John Stuart Mill (1976, p. 9), já debatia no século XIX sobre o tema, afirmando, ainda, que "Haja esperança de ter já passado a altura de ser necessário defender a liberdade de imprensa como uma das medidas de segurança num governo de tirania e corrupção [...]".

Jornalista e Fonte

Uma parte essencial do trabalho de um jornalista é o momento da entrevista. O foco se encontra na fonte, aquele (a) que passa a informação, a peça indispensável deste quebra cabeça. Sem ela não existiria informação, e, portanto, não existiria o trabalho jornalístico. Em "O Informante", logo nas cenas iniciais vemos uma contradição a essa frase. Na preparação para uma entrevista vemos o entrevistador colocar sua fonte em segundo plano. Ele, deixando-se levar pela vontade de se tornar um protagonista, falta com respeito ao seu entrevistado e seus companheiros, arriscando a perda da informação. Foi apenas com a chegada de Bergman, que a situação é controlada e a entrevista é realizada. Neste momento, o produtor de notícias repreende o colega de trabalho, "are you ready, or you wanna keep 'fucking around'".⁶

A revolução das fontes (CHAPARRO, 2007) causou impactos profundos no processo de produção da notícia. A relação fonte e jornalista é um jogo de interesses delicado e essencial, marcado pela comunicação, confiança, autonomia e sigilo. "Para mediar à realidade, o jornalista se vale do conhecimento das fontes na fase de produção da

⁶ "Você está pronto ou vai continuar enrolando" Tradução livre realizada por Julia Guelli e Sofia Ribeiro.

notícia, quando ele busca a informação para depois informar os outros” (SCHMITZ, 2010, p. 9)

As fontes estão ligadas a reprodução da vida social em diferentes níveis e jeitos. “A relação entre os dois lados parece ser, frequentemente, de amor e de ódio” (SANTOS, 1997, p. 165), como fica explícito no filme “O Informante” (1999), no momento em que o jornalista Bergman coloca sua carreira em risco por acreditar e criar uma ligação que ia além de só coletar informações para a produção de um furo de reportagem com sua fonte, o ex-pesquisador Wigand. Apesar de trabalharem lado a lado, fonte e jornalista nunca sabem por completo quais são as motivações e os focos do outro. Porém independente disso, a prestação de serviços e a troca de saberes é mútua, em geral elas “[...] formam um círculo hermenêutico cujo entendimento tem por missão a articulação de interesses comuns” (SANTOS, 1997, p. 169).

Retomando mais uma vez o assunto dos empecilhos jornalísticos atuais, a velocidade desenfreada junto a uma quantidade exorbitante de conteúdo, a luta por espaço, credibilidade e lucro, são apenas algumas situações que interferem na sólida relação jornalista e fonte. Visto que, a ligação humana e a preocupação social estão diminuindo, o jornalista está se transformando em uma máquina e a fonte seria só mais um chip a ser inserido. Claramente essa relação não pode ser generalizada, mas deve certamente ser reconhecida e discutida.

Entrevista

O termo entrevista jornalística faz referência a duas práticas (TRAVANCAS, 2012). A primeira está ligada ao procedimento de apuração “junto a uma fonte capaz de diálogo” (LAGE, 2001, p. 73), ou seja, envolveria a obtenção de respostas pré-pautadas por um questionário ou roteiro com um personagem que seja importante ou possua informações de interesse público (LAGE, 2001). A segunda, fazendo referência a um gênero jornalístico em que a apresentação das informações segue o modelo de pergunta-resposta (MARQUES DE MELO, 1985; SEIXAS, 2009).

A entrevista sempre teve um papel importante na validação da prática jornalística. Para a maioria dos jornalistas, se não para todos, é uma ferramenta indispensável. De acordo com profissionais mais experientes, a entrevista ajudou a criar uma identidade ao jornalista e também teria colaborado para a instituição de um novo

regime discursivo no jornalismo calcado nas noções de “objetividade” e de produção da “verdade” (MAROCCO, 2011). Se dando pelo fato do jornalista omitir sua opinião e expor somente o fato de uma perspectiva da fonte.

Apesar de ser uma prática única, ela apresenta inúmeras formas de ser feita. Por exemplo, em locais diferentes, com temas e abordagens distintos, explorando fontes oficiais ou não, para uma cobertura *hard news* e reportagens especiais ou matérias factuais, etc. Vale destacar, que a entrevista precisa ser construída tendo o assunto que será abordado como guia para a escolha de seus complementos, como o uso de imagens, a linguagem, a gestão de tempo e, o mais importante, a escolha do entrevistado, que deve possuir relação com o fato. (PEREIRA, 2017)

Apesar de ser a alma do jornalismo, uma entrevista pode, segundo Mazzote (2013), tanto incentivar quanto acabar com uma matéria, dependendo de sua narrativa e condução à compreensão de acontecimentos complexos.

Segundo Pereira e Neves (2013, p. 38), “conduzir uma boa entrevista de pesquisa consiste em mais do que ‘fazer a pessoa falar’”, o papel do entrevistador não é coletar, apenas, declarações notáveis, ele deve criar um nível de interação com seu entrevistado, levando-o a refletir sobre a situação relatada, em todos os aspectos.

Interesse Público

Democracia e jornalismo possuem uma relação estreita, principalmente ao lembrarmos que uma sociedade democrática é formada não por súditos, mas sim cidadãos que possuem o direito à informação, sendo ela inerente à cidadania (VIEIRA, 2001).

Nem toda a informação é considerada um direito social, mas somente aquela que tenha um sentido social, sendo indispensável para a vida em sociedade, incluindo o seu exercício pleno do conjunto de direitos garantidos pela Constituição (GENTILLI, 2002)

Desta forma, adicionamos ao nosso debate o interesse público, conceituado como aquele que se opõe a interesses privados particulares, individuais e parciais, representando ainda a relação entre sociedade e o bem comum por ela perseguido (MARTINS FILHO, 2005).

Em diversos momentos do filme “O Informante” vemos Bergman priorizando o interesse público. Em uma cena específica, vemos os valores de mercado se sobressaindo

aos jornalísticos, e conseqüentemente aos de interesse público. Durante uma reunião, o posicionamento do veículo fica claro ao compactuarem com a ideia, dada pela advogada da rede CBS, de não levar a entrevista completa ao ar. Com isso, o produtor de notícias contra argumenta a proposta destacando a ideia do valor e do impacto que o fato apresenta em um espectro social.

No campo do jornalismo, o interesse público tem um papel fundamental na prática e teórica da profissão. Caracterizando-se como uma das partes identitárias da atividade jornalística. Sem ela a imprensa é incapaz de cumprir sua finalidade, pois os meios de comunicação devem ser regidos por uma ética que preserva, acima de tudo, os direitos dos cidadãos (BUCCI, 2000).

Desde o momento da produção a finalização jornalística, o interesse público se faz presente. O interesse do cidadão deve ser prioridade na escolha da informação, independente de sua vertente. Uma vez que, “o conjunto dos demais direitos posto que sua difusão, ao se tornar mais ampla, torna-se por consequência mais acessível” (GENTILLI, 2002, p. 43), as emissoras têm o dever social de procurar causar um bem social e pessoal ao público.

Enquanto o discurso jornalístico fundamenta a notícia em dois pilares: atualidade e interesse público, e a prática jornalística apoia-se em dois outros fatores: tempo e espaço, o profissional do jornalismo tem um dever ético e moral com o público, sendo assim necessária, a seleção de temas de acordo com a necessidade do cidadão.

A informação é vista aqui como “matéria-prima [...] que interessa à cidadania” (NASCIMENTO, 2013, p. 150). Quanto maior a quantidade de conteúdo e maior o impacto intelectual e cultural, mais eficaz é a divulgação do conteúdo. Em um período atolado de notícias fúteis e em algumas situações equivocadas, à vida pública tem como principal filtro, não sendo necessariamente o único, o jornalismo.

Considerações Finais

Esta pesquisa se propôs, como objetivo geral, elaborar uma análise qualitativa do filme “O Informante” (1999) por meio de uma ótica jornalística no campo da ética. Em uma visão menos abrangente, buscamos examinar como o debate da liberdade de imprensa, o processo de entrevista e relação entre jornalista e fonte são abordados e debatidos no filme.

O filme, baseado em fatos, conta a história por trás da exposição jornalística do caso envolvendo a empresa de tabaco Brown & Williamson. Acompanhamos o desenrolar dos acontecimentos por meio de dois personagens principais, o produtor de notícias do programa “60 minutos” do canal CBS, Lowell Bergman, e o ex-vice-presidente e químico da empresa B&W, Jeffrey Wigand. Mesclando problemas pessoais e jornalísticos, a trama tem foco no processo de produção e exibição da entrevista de Wigand, que revela o esquema de alienação da sociedade em relação aos vícios do cigarro.

Abordando, principalmente, pautas como a liberdade de imprensa e o interesse público em seu enredo, “O Informante” levanta um debate sobre o papel do jornalismo na sociedade e como o profissional deve transmitir a informação seguindo valores éticos. Mas, também retrata o impacto do relato na vida da fonte. A partir do personagem de Wigand presenciamos o duelo interno entre contar a verdade em prol de uma maioria e omiti-la para proteger sua família e carreira.

O cinema tem como objetivo principal contar histórias. Essas, mais lúdicas e fictícias, buscam fazer seus espectadores mergulharem dentro de uma realidade junto com os personagens do enredo. O jornalismo, seguindo a mesma ideia, busca contar histórias que refletem a realidade do cotidiano, porém de forma diferente. São verídicas e seus protagonistas são fontes que vivenciaram os fatos, de alguma maneira. Esses dois ramos estão cada vez mais próximos. Não só pelo fato de profissionais da imprensa estarem migrando para a “sétima arte”, mas também pelas histórias jornalísticas, e seus bastidores, ter se tornado mais pertinente e de curiosidade do público.

Referências bibliográficas

AMBRÓSIO, M.C; GAVIRATI, V.F; SIQUEIRA, G.S. **Cinema e Jornalismo: uma análise de representação da prática jornalística em filmes.** Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/norte2014/resumos/R39-0221-1.pdf>>. Acesso em: 22 novembro 2018.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** Lisboa: Edição 70, 2006.

BERGER, Christa (Org.). **Jornalismo no Cinema.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

BUCCI, Eugênio. **Sobre ética e imprensa.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BARROS FILHO, Clóvis de. **“Ser ético exercita o espírito”, diz Clóvis de Barros Filho.** Casa, 2016. Disponível em: < <https://casa.abril.com.br/bem-estar/ser-etico-exercita-o-espírito-diz-clovis-de-barros-filho/>>. Acesso em: 20 setembro 2018.

CHAPARRO, M. C. **Pragmático do Jornalismo:** busca práticas para uma teoria da ação jornalística. 3 ed. São Paulo: Summus, 2007.

FENAJ. **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, 2007.** Disponível em: <http://fenaj.org.br/codigo-de-etica-dos-jornalistas-brasileiros-19852007/>> Acesso em: 21 novembro 2018.

FONSECA JUNIOR, Wilson Correia da. Análise de Conteúdo, **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação.** Atlas, 2006.

GENTILLI, Vitor. **O conceito de cidadania, origens históricas e bases conceituais: os vínculos com a Comunicação.** Revista Famecos. Porto Alegre, n. 19, dez. 2002.

HARDING, Phill. **“Why the teaching of journalistic ethics is so crucial”.** The Guardian, 2013. Disponível em: < <https://www.theguardian.com/media/greenslade/2013/mar/30/journalism-education-leveson-report>>. Acesso em: 21 de setembro 2018.

IMDB. **The Insider,** 1999. Disponível em: < www.imdb.com/title/tt0140352/> Acesso em: 14 setembro 2018.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística.** Rio de Janeiro: Record, 2001.

LIMA, Venísio. **O sentido das idéias.** Disponível em: < http://observatoriodaimprensa.com.br/feitos-desfeitos/o_sentido_das_ideias/>. Acesso em: 22 de novembro 2018.

MAROCCO, Beatriz. Entrevista jornalística, confissão e as neoconfissões na mídia brasileira. **Rumores,** vol. 10, p. 105-121, Jun-Dec. 2011. Disponível em: <<http://www.revista.usp.br/Rumores/article/views/51254>>. Acesso em: 23 novembro 2018.

MARTINS FILHO, Ives Gandra. **O princípio ético do bem comum e a concepção jurídica de interesse público.** Disponível em: Acesso em: 23 novembro 2018.

MELO, José Marques de. **A opinião do jornal diário.** 4. Ed. São Paulo: context, 2014.

MILL, John Stuart. **Da liberdade de pensamento e expressão.** Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1976. 2ªed. p 26.

NASCIMENTO, Caio Barbosa. **Informação e interesse público: quando o jornalista torna-se um meio para a cidadania.** Disponível em: <http://periodicos.uesb.br/index.php/recuesb/article/viewFile/5444/pdf_357/> Acesso em: 23 de novembro 2018.

OLIVEIRA, P.G; NOGUEIRA, D; REIS, T.M. **Jornalismo no cinema: Uma representação do fazer e ser jornalista.** Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-0803-1.pdf/>>. Acesso em: 22 novembro 2018.

O Informante. Direção: *Michael Mann*. Produção: *Avi Kleinberger; Gusmano Cesaretti; Kathleen M. Shea; Michael Mann; Michael Waxman; Pieter Jan Brugge; Shlomo Urbach*. Forward Pass, 1999. Son., cor., 157 min.

PEREIRA, Fábio Henrique; NEVES, Laura Maria. **A entrevista de pesquisa com jornalistas: algumas estratégias metodológicas.** Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/intexto/article/download/41898/27817>>. Acesso em: 22 novembro 2018.

PEREIRA, Fábio Henrique. **A entrevista no jornalismo brasileiro: uma revisão de estudos.** Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2017v14np139>> Acesso em: 22 novembro 2018.

REBOUÇAS, Bruno. **Um filme como Inspiração.** Observatório da Imprensa, 2011. Disponível em: <<http://observatorioidaimprensa.com.br/feitos-desfeitas/um-filmecomo-inspiracao/>>. Acesso em: 21 setembro 2018.

RODRIGUES, Lorena Morais. **Jornalismo, Ética e Política: Como Estabelecer Ética Jornalística nos Veículos Pertencentes a Grupos Políticos?** Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2012/resumos/R32-0811-1.pdf>>. Acesso em: 22 novembro 2018.

ROSA, Rachel Bezerra Abrantes. O personagem jornalista na visão cinematográfica da década de 90. Brasília, 2006. 46p. Monografia (Bacharelado em jornalismo) Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2006.

ROSPA, Aline Martins. **O papel do direito fundamental à liberdade de imprensa no estado brasileiro.** Disponível em: <http://www.ambitojuridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=10287&revista_caderno=9>. Acesso em 22 de novembro 2018.

SANTOS, R. **A negociação entre jornalistas e fontes.** Coimbra: Minerva, 1997.

SCHMITZ, Aldo Antonio. **As Fontes nas Teorias do Jornalismo.** Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/r5-0779-1.pdf>> Acesso em 22 novembro 2018.

SEIXAS, Lia. **Redefinindo os gêneros jornalísticos: Proposta de novos critérios de classificação.** Covilhão: Livros Labcom, 2009. Disponível em: <<http://www.labcomifp.ubi.pt/livro/36>>. Acesso em: 21 novembro 2018.

SENRA, Stella. **O Último Jornalista: imagens de cinema.** São Paulo: Estação Liberdade, 1997.

STONE, Izzy. **O Julgamento de Sócrates.** Rio de Janeiro: Companhia de Bolso, 2005,

TRAVANCAS, Isabel Siqueira. A entrevista no jornalismo e na antropologia. Pesquisando jornalistas. In: Marocco, B. (Org.). **Entrevista na prática jornalística e na pesquisa.** Porto Alegre: Libreto, 2012, p. 15-30.

VIEIRA, Liszt. **Os Argonautas da Cidadania: a sociedade civil e a globalização.** Rio de Janeiro: Record, 2001 MARTINS FILHO, Ives Gandra. O princípio ético do bem comum e a concepção jurídica de interesse público. Disponível em: <www.jus.com.br/doutrina/texto.asp?id=11> Acesso em: 21 novembro 2018.